



OFAYÉ: O POVO DO MEL

(um relato)

Quase 500 anos depois, os povos indígenas aparentemente exterminados ressurgem das cinzas. M. Terena (1992: 9)

Marlon Leal Rodrigues¹ (UEMS/UNICAMP/CNPq)

0. Introdução

Tenho como objetivo, neste trabalho, fazer um breve relato do que foi a primeira experiência e contato com os índios Ofayé que estão confinados em uma área localizada no município de Brasilândia, estado do Mato Grosso do Sul.

O primeiro contato, ainda que de forma elementar, foi intermediado pelo prof. Carlos Alberto dos Santos Dutra, amigo e pesquisador dos Ofayé há muitos anos, sob a orientação do então professor Emílio Milton Giusti (Lumier Lyon-2/ UFMS – Universidade Federal de Matogrosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas) no período de 1999 ao primeiro semestre de 2001.

O objetivo, entre outros, era descrever a língua Ofayé em virtude de dois fatores importantes: a) os Ofayé são um povo em vias de extinção, se bem que já foi dado como extinto pelo antropólogo Darcy Ribeiro e pela lingüista Sarah C. Gudschinsky, entre outros pesquisadores; no entanto existe mais de dez falantes nativos e mais ou menos cerca de vinte e cinco que compõem o grupo; b) a pedido do cacique e professor da aldeia Coi, ou José (nome de batismo branco), foi solicitado aos professores e aos pesquisadores da UFMS que fizessem a transcrição da língua de seu povo com o objetivo de elaborar um material didático-pedagógico para que pudesse ensiná-la na escola, pois, em decorrência da redução do grupo e do contato com a comunidade local e nacional, entre outros, as crianças e adolescentes, embora poucas, não falam mais a língua, situação que se agrava a cada dia, ou seja, cada vez menos os membros da comunidade falam a sua própria língua.

¹ Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado, desde 2002, na Universidade Estadual de Campinas-SP. Professor Assistente do curso de Letras da UEMS, Câmpus de Nova Andradina (janeiro/2006).

O pedido “foi encarado” com o um desafio de início pelo prof. Giusti que terminou por envolver, de uma forma ou de outra, todos os alunos da pós-graduação. Eu, por residir na própria cidade e ser também prof. da UFMS, acumulei a função de mais ou menos um ajudante do professor.

Este relato, cumpre, entre outros aspectos, o papel de contribuir para a constituição de um certo registro de uma memória em termos de pesquisa e em termos de registro do contato para os próprios índios, tendo em vista que muitos pesquisadores passaram pela aldeia e coletaram dados, porém foram raros os casos em que se deixou algum tipo de registro para a comunidade, além de não haver nenhum tipo de compromisso social. Esta foi uma das queixas mais frequentes do cacique Coi que aproveitou a oportunidade para cobrar um retorno do que era feito de todo o material coletado.

1. Orientação teórica

1.1 Contribuição de Malinowsky para as Ciências Humanas

A questão metodológica para as Ciências Humanas sempre se colocou como condição de cientificidade ao passo que, para as Exatas, a metodologia diz respeito à busca de um modelo que possua uma certa universalidade para dar conta dos fenômenos, pois não se coloca como condição primordial para seu reconhecimento científico, o que não se pode dizer o mesmo para as Humanas, uma vez que nela a diversidade dos fenômenos, a complexidade dos dados, o trabalho com o *corpus*, as interpretações não são dados *a priori* que dependeriam apenas de uma escolha metodológica “acertada”, isto não quer dizer que nas Ciências Exatas não haja estes aspectos, mas que eles estão inseridos em outra ordem.

Malinowski, etnógrafo, revolucionou a questão metodológica nas Ciências Humanas tendo em vista as abrangências de suas inquietações teóricas que o levaram à busca de uma outra possibilidade metodológica capaz de instaurar uma “escuta sensível” para apreender, tanto a descrição do objeto quanto a analisá-lo em toda sua extensão ou em alguns de seus aspectos. Assim, a partir de suas experiências de campo, ele relata um pouco de seus fracassos e de seus sucessos o que, em última instância, é uma tentativa de compreender, abordar, descrever e interpretar os fatos sociais de forma que um outro pesquisador ou leitor possa chegar, elementarmente, às mesmas considerações. No entanto, os relatos de Malinowski se tornaram referências, de maneira geral, para pesquisas de

campo em diversas áreas das Ciências Humanas, como a lingüística. Seus relatos acabam por propor alguns paradigmas na medida em que também contestam outros já aceitos.

Para ele, nas ciências sociais há um “jogo duplo”, pois o autor é ao mesmo tempo cronista e historiador, uma vez que suas fontes são a um só instante acessíveis, porque podem ser constatadas e descritas com rigor, e complexas, uma vez que elas não estão em documentos, e sim na memória. Isto implica que há uma necessidade, para ele primordial, de distanciamento do material e da apresentação final dos resultados. Neste espaço, entre o dado bruto e a análise, existe um vazio a ser trabalhado pela descrição metodológica e sistemática da pesquisa. Neste aspecto, ele propõe mostrar o caminho percorrido que leva à interpretação dos dados de forma que um outro poderia chegar às mesmas considerações. Entre o que é constatado e o que de fato é, há um conjunto complexo e infinito de elaborações.

A preocupação de Malinowski está voltada para a aquisição de instrumentos teóricos que o pesquisador deve possuir para fazer frente às necessidades da pesquisa. Assim, a teoria deve nortear o trabalho de campo e ao mesmo tempo ser uma certa inspiração que poderá proporcionar boas perguntas e estímulo na relação teoria e campo. Para as considerações finais, após as reflexões e propostas de Malinowski, as pesquisas de campo tomaram um outro rumo, o que abriu novas perspectivas de abordagens tanto teóricas, quanto de caráter pragmático. As propostas dele tiveram como ponto de apoio para reflexão a necessidade de, de fato, descrever ou compreender não apenas o funcionamento das instituições, mas investigar como elas se constituíram e, ainda, em quê esta constituição está assentada, já que, sem dúvida, não é simplesmente nos acontecimentos “aparentes” ou nas narrativas dos nativos, mas, sobretudo, na mentalidade que não se fala, mentalidade que os nativos não indagam sua origem e nem os porquês simplesmente, e, se é possível apreendê-la em alguma extensão, esta possibilidade está no mergulhar longamente nos acontecimentos dos *imponderáveis da vida real* dos nativos e assim tentar descrever alguns de seus aspectos.

Para concluir, deixo as considerações finais do próprio Malinowski:

através da compreensão da natureza humana em uma forma bastante distante e estranha para nós, talvez possamos encontrar alguma luz para a nossa própria. Neste caso e somente neste caso será justo sentirmos que valeu a pena compreender esses nativos, suas instituições e costumes e que conseguimos algum proveito do *kula*.

1.2 Reflexão de Craig: relação entre a academia e as comunidades indígenas

Para Craig, é fundamental a aliança entre os lingüistas e a comunidade indígena para que se aprofunde o conhecimento sobre as línguas com o objetivo duplo: que possa servir para a ciência, de um lado, e, de outro, que as comunidades indígenas também possam dispor desse conhecimento. Em relação a esta tensão, entre pesquisador e pesquisado, é necessário que o mundo acadêmico se sinta mais responsável nas sociedades que investigam para um melhor entendimento sobre a importância das línguas indígenas e seus falantes.

Na reflexão de Craig, de forma geral, é possível destacar alguns pontos que perpassam sua inquietude: a) uma questão ético-teórica do pesquisador em face dos dados na relação com a teoria; b) uma questão ético-política do pesquisador no âmbito da própria academia; c) uma questão ético-compromissada em relação às línguas que se pesquisa, não as tratando como se fossem desprovidas de sujeitos reais e concretos (aqui-e-agora); d) uma questão ético-alteridade para com as comunidades indígenas que a academia não tem muito como prática ou em consideração. O fato de se pensar estas questões no âmbito da própria academia já é uma mudança de atitude.

A partir dessas questões básicas, é possível inferir que Craig aponta para uma superação ou uma “ruptura” de uma prática acadêmica, que se superou uma visão missionária em relação às línguas indígenas e suas comunidades. Essa ruptura de visão não avançou muito, uma vez que ainda há uma prática que tem, em certo sentido, seu objeto de pesquisa em si. Talvez tenha substituído a questão religiosa-dominação pela religiosa-ciência (ainda sem sujeito). É possível considerar, de certa forma, que há apenas um deslocamento dos interesses religiosos, entre outros, para os interesses puramente acadêmicos.

Outra superação que se pode considerar é a contra-partida que a academia pode e, para a autora, deve oferecer ou se comprometer, não apenas nas questões teórico/científicas, para a compreensão da linguagem humana em geral, mas, sobretudo, pensar, não isoladamente na própria academia, mas incorporar reflexões e demandas fora dela, como compartilhar, socializar, isto em última instância. Se para a academia tem um valor significativo a descrição de línguas (e tem), é preciso avaliar o valor como ela deve e pode

contribuir, enquanto retorno possível, para a utilização desse conhecimento para a própria comunidade lingüística.

Craig, em suas considerações, não chega a utilizar o termo ou a questão ética, mas é possível inferi-la nas relações que ela desenvolve, desde o início de sua fala inicial:

el propósito de esta charla es el, de ofrecer, desde adentro, una visión del mundo académico de la lingüística (...) para llegar a uma reflexión crítica de como se situa respecto a la lenguas indígenas y a sus hablantes (2000: 37); até suas conclusões finais: existe una inquietude entre ciertos lingüistas académicos para desarrollar una visión apropiada a la importancia de las lenguas de la relación entre los lingüistas y la comunidades indígenas (*op. cit.*).

2. Breves histórias

Neste tópico, para não me prolongar muito, eu resumirei um pouco da trajetória de encontros e desencontros que nos levou aportar na aldeia Ofayé.

2.1 Uma certa trajetória

Eu pertencço à primeira turma, como também José Antônio Filho (UCDB-MS), Roseli Ibermonn (UCDB-SP), Valéria Faria Cardoso (UNEMAT - Câmpus de Alto Araguaia), de alunos de pós-graduação em Letras da UFMS a qual teve início em março de 1998, sob coordenação do Prof. Dr. José Batista de Sales e direção do câmpus do Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira.

O professor Giusti veio lecionar na pós-graduação pelo convênio, firmado entre a UFMS e a Université Lumier Lyon 2. Na França, ele desenvolvera pesquisa de descrição de línguas crioulas. Pelo convênio trouxe alguns projetos, o primeiro era trabalhar com línguas remanescentes de Quilombos que tiveram pouco ou quase nenhum contato com a comunidade “externa”. No entanto, em face das probabilidades e dificuldades técnicas de encontrar grupos em tal estado de contato, e, além de outras questões, o prof. Giusti optou por trabalhar com línguas indígenas, tendo em vista que o professor (mestre em Ciências Sociais) José Antônio Filho (UCDB-MS), na época aluno do programa de pós-graduação da UFMS, atualmente doutorando na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas-SP, vinha desenvolvendo um trabalho junto aos índios Kaiowa-Guarani da aldeia do Município de Caarapó, próximo a Campo Grande-MS.

Foram feitas algumas visitas à aldeia de Caarapó com os alunos da primeira turma, no entanto, as dificuldades de toda ordem foram tantas que logo o projeto foi abandonado.

Neste momento de desânimo acadêmico, estávamos em um bar perto da Universidade, onde fazíamos comentários a respeito da cidade e, na época, lembrei-me da existência de um grupo de índios em vias de extinção chamado Ofayé, que ouvira falar recentemente. O professor Giusti se interessou logo de início se interessou pelo comentário, o que o levou a entrar em contato com o prof. Dutra, autor de livro *Ofayé, morte e vida de um povo* (1996). Ele intermediou o contato, viabilizando, assim, a nossa entrada na aldeia que fica em Brasilândia, a sessenta quilômetros de Três Lagoas, condição que contribuiu para a idealização de um novo projeto.

2.2 Breves considerações sobre os Ofayé

De acordo com o antropólogo Levi Marques da UFMS - Câmpus de Três Lagoas, atualmente doutor pela PUC-SP - a história do povo Ofayé é marcada por tragédia, sofrimento e perseguição, o que o leva praticamente ao extermínio, fato que não difere muito das demais comunidades indígenas no Brasil e na América como um todo. Em linhas gerais, é possível resumir muito elementarmente um pouco da existência dos Ofayé, de acordo com o professor Marques (2002: 2-3):

os Ofayé sofreram uma traumática experiência de contato. No início do século XX suas terras foram invadidas por criadores de gado que se estabeleceram nas margens dos rios Paraná e Verde, seu *hatitat* tradicional. Várias de suas aldeias foram dizimadas sob a alegação de que eles caçavam o gado (Dutra 1996). São um povo pouco conhecido do ponto de vista etnográfico. As informações sobre sua língua e cultura são poucas, dispersas e em grande medida incongruentes. O antropólogo Darcy Ribeiro 1951 classifica o grupo como extinto e assim ele foi considerado até meados da década de 80, quando foram “redescobertos” pelo Conselho Indigenista Missionário / CIMI da Igreja Católica. Na época viviam na reserva indígena Kadiweu de Bodoquena no Pantanal, para onde haviam sido transferidos pela FUNAI, na qualidade de “índio sem terra”. Quando foram encontrados viviam a mais de seiscentos quilômetros de distância de seu território de origem. A pressão dos Ofayé e o apoio que receberam de entidades indigenistas possibilitaram o retorno para o local de origem. Embora não disponham ainda da terra que reivindicam, residem temporariamente em uma terra cedida pela empresa de produção de energia – CESP [Centrais Elétricas de São Paulo]. A área cedida pela CESP,

responsável pela inundação de parte de seu território tradicional. Os Ofayé aguardam o desdobramento do processo de demarcação da terra que já dura vários anos.

No período em que moraram em Bodoquena conviveram com os Kaiowá, com os quais houve muitos casamentos. Os Kaiowá casados com Ofayé vieram morar junto com estes últimos e também trouxeram vários de seus parentes. Hoje a população da área Ofayé é composta em sua maioria por Kaiowá e mestiços. Os líderes Ofayé demonstram grande desânimo quanto ao futuro de seu povo, que sem assistência, vive uma situação de dependência e miséria e depositam grande esperança de que as intenções esboçadas no Programa [Programa de Pós-Graduação em Letras] não sejam letra morta, tal como aconteceu com várias iniciativas inconclusas, mas possam se efetivar em ações e desdobramentos práticos.

Conforme Marques, praticamente não se tem quase nada de concreto e substancial do ponto de vista etnográfico a respeito dos Ofayé, mesmo assim, conforme já comentei, quem mais tem pesquisado, ainda que de forma empírica, é o professor Dutra (atualmente é mestrando do programa de pós-graduação em História na UFMS – Câmpus de Dourados), autor de vários textos sobre a comunidade. Foi por intermédio dele que o professor Giusti teve acesso a alguns trabalhos esparsos e raros, como: *Ofayé Xavante, ainda estamos vivos* (Cadernos CEAS, 1989); “*Hoje e antigamente*” (*Coi aprende a escrever sobre sua gente*), (Centro de Estudos Indígenas da UNESP, s/d); *Cadernos de leitura 1* (Centro de Estudos Indígenas da UNESP, 1991) e *Fragmentos de Ofaié, a descrição de uma língua extinta* (Sarah C. Gudschinsky, 1974). Mais recentemente, o professor Ribeiro (Museu Antropológico de Goiás / Universidade Federal de Goiás), que faz parte atualmente da segunda etapa da pesquisa, encontrou artigos esparsos: *Lês indiens Kukura du Rio Verde, Matto Grosso, Brésil* (Loukotka, 1931) e *Mélanges ete nouvelles américanistes* (Nimuendajú, 1932), além de alguns textos no livro *Razão e Utopia, textos rebeldes* (Dutra, 1998).

No conjunto, este material diz respeito, mais precisamente, a uma breve história e registro lingüístico. Dutra também possui narrativas gravadas, depoimentos, entrevistas e diversos documentos antigos, pesquisados em diversas bibliotecas e órgãos governamentais.

3. O primeiro contato

Em 1999, alguns alunos ingressos em 1998 já haviam cumprido os créditos necessários, de maneira que não se voluntariaram a participar de qualquer projeto por diversas razões. No

entanto, os ingressantes da segunda turma (Adriano Mendes de Souza (UFMS – Câmpus de Três Lagoas), Maria Lígia de Aguiar (UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba), Vânia dos Reis Rodrigues, José Gomes Pereira, Marlene Schneider, Simoni Cristina Spironelle e Rose Mary Leonel) foram convidados a participar dos trabalhos de campo com a possibilidade de desenvolver uma pesquisa, expectativa que não se confirmou. Creio que seja indispensável relatar que muitos não gostariam de participar do trabalho de campo.

Das disciplinas ministradas pelo professor Giusti, todos nós da turma de 1998 fizemos duas: Fonologia/Fonética e Descrição do Português, além da disciplina Lexicologia e Lexicografia ministrada pela professora Dra. Aparecida Negri Izquierdo (UFMS – Câmpus de Dourados). Essas disciplinas serviram de embasamento teórico inicial para os trabalhos de campo incipiente.

Após várias tentativas frustradas de ir a aldeia, por vários motivos, como acertar encontro com o professor Dutra, por exemplo, o professor Giusti fez o contato inicial que preparou a ida do grupo.

A viagem, muito embora fosse perto, estava cercada de expectativa, ninguém havia trabalhado e nem possuía experiência com comunidades indígenas. Foi cerca de duas horas de viagem muito apertada em uma Kombi, considerando a parada em Brasilândia para um café. A aldeia fica a dez quilômetros da cidade e foi fácil chegar até lá.

Na aldeia, ficamos na escola, que é de alvenaria, possui luz, água encanada e se localiza ao lado de um posto médico com as mesmas características. Fomos recebidos pelo cacique Coi que nos acomodou na escola e no posto de saúde.

A nossa presença despertou uma certa curiosidade das crianças e adolescentes, bem poucos, que aos poucos foram se aproximando de nós, como também os adultos.

3.1 Mãos à obra

Dado o estado de precariedade das famílias, o programa de pós-graduação concedeu várias cestas básicas, uma para cada família, o que os deixou muito satisfeitos, além de ter sido um grande estímulo para que se obtivesse a colaboração de muitos. Cumpre

ressaltar que todos se prontificaram a trabalhar com a equipe e foram muito pacientes com a nossa inexperiência (alunos) e com a nossa falta de um certo “tato” dos alunos.

O professor Giusti reuniu os alunos e discutiu algumas questões elementares, tais como:

- a) as normas de transcrição fonológica, como: ponto de articulação, grafia dos fonemas, a necessidade de se ter acuidade auditiva etc.;
- b) o trabalho deveria ser realizado em dupla e sem atrito;
- c) cada dupla iria fazer a sua transcrição e discutiria somente as observações divergentes no primeiro momento;
- d) deveríamos deixar o informante o mais a vontade possível;
- e) anotar alguns dados a respeito do informante, como nome, idade, se fala com fluência, mais ou menos ou muito pouco a língua Ofayé;
- f) as equipes foram divididas em três: uma trabalharia com o campo lexical; a outra com as narrativas, e, a última, iria fazer o recenseamento;
- g) foi feita a recomendação de que não deveria cansar o informante, além de ter muita paciência.

Os informantes foram chegando aos poucos, depois do almoço. Após a breve apresentação e um momento de conversa, cada grupo, com gravador, lápis e papel em punho, foi logo convidando um informante para a entrevista que aconteceu nas dependências da própria escola.

O casal mais antigo e idoso da aldeia, sr. Pereirinha 65 anos (avô) e a d. Francisca 78 anos (avó), não quis vir neste primeiro momento. Segundo o cacique Coi, os dois são muito descrentes com os brancos (com o termo “branco” quero designar, ainda que de forma provisória, o não índio), principalmente pesquisadores.

De acordo com Coi, no dia a dia a comunidade utiliza a língua portuguesa para se comunicar, a única que não fala o português é a avó a qual conversa muito pouco com os

membros da aldeia. Com certa frequência eles conversam com os mais velhos que dominam a língua Ofayé.

3.2 Algumas observações precárias

O nome Ofayé significa povo do mel, uma autodenominação, o que condiz muito bem com algumas de suas maneiras de ser, já que são muito tímidos, silenciosos e falam um pouco baixo, isto a partir da nossa cultura, talvez é o branco quem fale muito alto. Eles também falam de muito perto do seu interlocutor, considerando o nosso padrão de um diálogo comum. Às vezes parece que querem tocar no seu interlocutor (esta última observação foi feita percebida apenas nos mais velhos, mais ou menos os que tinham mais de quarenta anos de idade). Eles falam geralmente olhando para o chão ou para os lados, evitando, assim o olhar direto ou quase direto. Eles possuem uma estatura mediana, mais ou menos um metro e sessenta e cinco centímetros de altura, no entanto, os já “mestiçados”, com outras etnias (Kaiowá-Guarani) ou com brancos, apresentam uma média de altura maior.

Segundo Dutra (1996), que confirmou estas considerações, nos primeiros contatos que ele teve com os Ofayé, o que lhe mais chamou atenção era o fato de eles falarem muito baixo, próximo e sempre com um aspecto de tristeza, desânimo, amargura, mas são sempre amáveis, o que, do ponto de vista da nossa cultura, não parece ser muito possível uma pessoa ser triste, amarga e ao mesmo tempo ser amável.

3.3 A aventura da coleta de dados

Foram no total quatro dias de coleta de dados (nesta primeira ida à aldeia) e de muito aprendizado para nós, alunos.

Sem dúvida alguma, a leitura de Malinowsky (*Objetivo, método e alcance desta pesquisa*) entre outros teria ajudado muito a coleta de dados, já que muito do trabalho foi quase em vão ou nulo. Mas, ainda assim, por sorte das circunstâncias, sempre era possível fazer de novo, com paciência “oriental” dos informantes, até um certo ponto.

Segundo a observação feita pelo antropólogo Marques que estava, nesta ocasião e em muitas outras, entrevistando alguns índios Kaiowá-Guarani que moram na aldeia, “quase que tinha mais pesquisador do que informante ou índio”.

De volta ao ponto, no fim de cada dia, sempre havia uma reunião para fazer uma espécie de avaliação das atividades. Momento de tirar as dúvidas que diziam respeito à transcrição fonética, de discutir procedimentos de coleta de dados e de redefinir algumas estratégias etc..

Algumas observações a respeito dos informantes eram quase sempre unânimes, tais como:

- a) o tom baixo de voz dos informantes dificultava a distinção de alguns fonemas;
- b) alguns informantes permaneciam de cabeça baixa quase o tempo todo, assim, dificultando perceber o ponto de articulação em caso de dúvida ou controvérsia do coletor;
- c) a dicção de alguns informantes foi outro ponto que dificultava algumas transcrições;
- d) durante a seção, era comum alguns informantes mudarem de assunto e começaram a reclamar da má sorte da tribo, sempre era uma situação difícil e embaraçosa de se contornar;
- e) algumas vezes foi necessário dispensar, muito gentilmente, o informante por conta destes motivos;
- f) a falta de experiência em transcrição fonética foi um outro ponto de dificuldade, pois os informantes, muito embora solícitos em repetir, não aguentavam mais repetir muitas vezes a mesma informação, a palavra ou o fonema;
- g) geralmente, após as reclamações da má sorte da tribo, vinha algum tipo de pedido ou favor – alimento, carne seca, pilha para rádio, dinheiro para viagem, erva mate, carona para a cidade, remédio e outras coisas -, situação difícil e de constrangimento para os coletores;
- h) às vezes as divergências e irritação entre o coletor de dados constrangiam também os informantes;

i) um certo tipo conhecimento “técnico” foi outro fator de desânimo para alguns coletores; e

j) havia, entre os coletores, um pouco de impaciência e insatisfação com o trabalho de campo e com a forma que era conduzido.

Estas foram algumas das dificuldades e observações enfrentadas no primeiro contato com os Ofayé.

4. A coleta

Como foi dito, as equipes foram divididas em três grupos que coletaram, em termos quantitativos, um certo número de dados. Farei algumas considerações a respeito do resultados do que foi feito.

4.1 Campo lexical

Para cada campo lexical foi feita uma ficha que continha o nome do coletor e o nome, a idade e o sexo do informante.

Segue abaixo a transcrição por campo lexical de algumas fichas:

- a) universo da natureza;
- b) universo infantil;
- c) universo do parentesco;
- d) universo dos sentidos (percepção);
- e) universo das frutas;
- f) universo dos legumes e verduras;
- g) universo dos animais;
- h) universo das doenças;
- i) universo do corpo humano;
- j) universo dos pássaros e árvores;

- a) universo de alguns produtos industrializados ou não;
- b) universo do lar ou da casa;
- c) universo das carnes e comida de alguns animais;
- d) universo do vestuário e diversos, com alguma relação;
- e) universo das ferramentas;
- f) meses do ano;
- g) verbos indicativos de processos;
- h) verbos cognitivos;
- i) verbos estativos;
- j) remédios (ervas);
- k) universo das cores;
- l) universo dos adjetivos.

4.2 Vocabulário básico

Após a coleta de material, tudo foi repassado com o professor Giusti e com o Adriano M. Santos com apenas os informantes, três ou quatro, que melhor tinham uma dicção e que conheciam mais a língua. Este trabalho resultou em um vocabulário básico após o “repasso” em que muitas dúvidas foram esclarecidas.

Foi o momento, também, de elaborar uma primeira versão do quadro de consoantes e vogais da língua Ofayé. Convém ressaltar que também se efetuou uma comparação com outras análises e pesquisas já feitas, como a da equipe da UNESP de Araraquara e da lingüista Gudschinsky.

Segue o quadro das vogais, elaborado pelo professor Giusti, conforme Dargel e Silva (2001: 15):

/y/		/w/
/~i/	/i/	/~u/ /u/
/e/	/~e/	/o/ /õ/
/é/	/~é/	/ó/
	/A/	
	/a/ /~a/	
	/ã/ /ã/	

Dargel e Silva (*op. cit*) explicam que

o fonema /A/ está localizado na parte interior do nosso quadro, por ser uma vogal mais alta que o /e/ e sua pronúncia ser mais interior e mais arredondada, seria uma pronúncia entre o /e/ e o /a/. É uma zona que vai do /a/ posterior ao /e/ centralizado.

O quadro de consoantes ficou com o professor Giusti, eu tenho apenas algumas anotações esparsas.

4.3 Frases e expressões

Coletar frases e expressões também não se mostrou produtivo, porque o material coletado foi muito pouco. O problema, eu acredito, foi mais pela inexperiência dos coletores do que propriamente dos informantes.

4.4 Narrativas

As narrativas, talvez, tenham sido o trabalho mais desalentador, considerando dois pontos fundamentais: com a dispersão e depois com os re-agrupamentos dos Ofayé, muitas de suas histórias deixaram de ser repassadas ao mais jovens e assim também deixaram de ser ritualizadas ou revividas, de forma que poucos se lembram de histórias. De algumas delas só restaram fragmentos. Observou-se também que havia “uma certa dor, tristeza” e até mesmo recusa em falar destas histórias porque elas pertenciam a um tempo em que a tribo era mais

vigorosa, mais numerosa. As poucas histórias eram lembradas como um tempo de “felicidade”, isto mesmo apesar dos massacres, perseguições etc..

O segundo ponto fundamental diz respeito ao momento da narrativa. Foi solicitado que contasse em Ofayé e se possível repetir em português. Era comum o informante iniciar em português e terminar em Ofayé e vice-versa, ou, contar só em português ou só em Ofayé. Durante as narrativas, acontecia um fato muito corriqueiro, era comum o informante interromper e pedir alguma coisa, como já foi citado anteriormente. Quando havia alguma promessa, a disposição parecia ser outra; caso contrário, em pouco tempo pedia para se dispensado para algum afazer. Eram cerca de quatro ou cinco informantes de narrativas.

Em face das dificuldades da narrativa, tentou-se utilizar uma outra estratégia que também não deu certo. O coletor “inventava” uma certa história por escrito e pedia ao informante, nestes momentos já eram outros, que se possível, fizesse uma “tradução/adaptação” caso fosse contada em língua Ofayé, considerando alguma equivalência de sentido, conteúdo. O resultado se mostrou muito pouco produtivo. No total foram gravadas cerca de seis fitas, das quais duas sumiram com as principais narrativas.

4.5 Recenseamento

Foram catalogadas, no período de 24 à 28/05/2000, doze famílias que, geralmente, tinham um ou mais membros que eram de outra etnia ou branco. Normalmente havia alguém que falava um pouco a língua. As crianças sabiam algumas palavras isoladas que tinham sido ensinadas pelo Coi na escola e uma ou outra expressão.

Um aspecto pelo menos curioso é o fato de os adolescentes e crianças não terem mais o nome indígena, têm apenas o nome de batismo.

Como já foi dito em outra seção, os Ofayé acabaram por se misturar não só com os Kaiowá-Gauranis como também com o não índio. Outro aspecto observado é que são poucos os habitantes da aldeia que possuem um nome índio. Segue abaixo o resultado do recenseamento:

Família número 01



Nome: Marilda – Ofayé – 35 anos

Nome índio: Xartã (amargo)

Nome: Roní – Guarani – 67 anos

Filhos: Gilmar – 10 anos

Elisângela – 5 anos

Léia – 3 anos

Família número 02

Nome: D. Francisca – Ofayé

Nome índio: Reguei

Nome: João Pereira - Ofayé

Nome índio: Reí

Família número 03

Nome: Arlindo – Ofayé – 21 anos

Nome índio: Ôtchô (onça-parda)

Nome: Rute (esposa) – Guarani – 24 anos

Filhos: Rosalina – 4 anos

Nome índio: Jâé ou Iâé (passarinho)

Cleide – 1 ano

Nome índio: Rãtará (minhoca)

Família número 04

Nome: José de Souza (cacique) – Ofayé – 25 anos

Nome índio: Coi / Kaoi (fundo de qualquer objeto)

Nome: Rosilei de Souza (esposa) – Guarani – 22 anos

Filhos: Josieli – 2 anos

Josiel – 5 anos

Família número 05

Nome: Valdinei Souza – Guarani – 24 anos

Nome índio: Auarirí (índio pequeno)

Nome: Maria Aparecida (esposa) – Ofayé – 14 anos

Família número 06

Nome: Lídia – não índia – 43 anos

Nome: Juraci (marido) – Ofayé – 24 anos

Filhos só dela: Genilda – 27 anos

Silvana – 25 anos

Cristina – 22 anos

Ivonete – 20 anos

Edna – 24 anos

Fátima – 28 anos

Família número 07

Nome: Laureano – Kaiowá

Nome: Flávia (esposa) – Kaiowá

Filhos: Ivani – 8 anos

Zilda – 5 anos

Família número 08

Nome: Atayde Rodrigues – Ofayé – 43 anos

Nome: Zenaide (esposa) – Kaiowá-Guarani

Nome índio: Cunhéu Uéraí

Filhos: Ademir – 3 anos

Darci – 17 anos

Tatiane – 15 anos

Família número 09

Nome: Osmar Pereira – não índio – Paraense – 50 anos

Esposa: Joana (esposa) – Ofayé – 40 anos

Nome índio: Kinha

Filhos: Carlos – nome índio: Katai (capim) – 12 anos

Patrícia – nome índio: Kokoto (tatu) – 8 anos

Jorge – nome índio: Kokoifuora (tamanduá) – 17 anos

Ramona – 17 anos

Família número 10

Nome: Neuza - Ofayé

Família número 11

Nome: João Carlos de Souza – 22 anos

Nome índio: Kãrrê (tipo de pedra)

Nome: Maria Aparecida (Mãe) – Ofayé – 46 anos

Família número 12

Nome: Miguel – Kaiowá-Guarani – 46 anos

Nome índio: Kíti

Nome: Élide Isnardi (esposa) – Kaiowá-Guarani – 28 anos

Nome índio: Diva

Filhos: Eliane – 10 anos

Marinalva – 8 anos

Eliezes – 1 ano

Regina – 4 anos

5. Considerações finais

Apesar de todas as dificuldades, o resultado deste primeiro contato foi considerado positivo, pois gerou uma certa “massa” de dados que parcialmente foi trabalhada, uma vez que ninguém do grupo tinha como projeto ou interesse trabalhar com a língua Ofayé.

Após o primeiro contato, este grupo foi mais duas vezes à aldeia, pois, a pedido do professor Giusti, foram feitos alguns trabalhos ou relatórios das atividades. Tenho conhecimento de três trabalhos: Schneider (2001) – *O povo Ofayé* -, Dargel e Silva (2001) – *Uma descrição fonológica do sistema vocálico da língua Ofayé* -, e Teno e Rodrigues (2001) – *Realizações fonológicas das entrevistas realizadas na aldeia Ofayé*.

O professor Giusti, juntamente com o Adriano M Santos e alguns alunos do curso de letras da UFMS - Câmpus de Três Lagoas - foram como voluntários, e eu fui mais vezes à aldeia para aprofundar alguns aspectos da língua.

Segundo o prof. Giusti, em algumas das conclusões da análise lingüística, ainda que iniciais, já é possível, para delinear o quadro de vogais e consoantes, estabelecer alguma regularidade de posição sintagmática verbal e nominal, o que poderia apontar para um estudo tipológico. Estas considerações e análises, incluindo parte do material coletado,

ficaram com o professor que havia viajado para a França no início do primeiro semestre de 2001.

Neste ínterim, ainda fui algumas com o Adriano M. Santos e com alguns alunos do curso de Letras a pedido do professor que já se encontrava na França, mas, como o convênio com a Universidade não foi renovado, segundo o Coordenador do Programa de Pós-Graduação, Prof. Dr. José Batista de Sales, a pesquisa foi interrompida. Ainda tentei algum contato com o professor, mas não obtive nenhuma resposta.

Esta foi a primeira parte da pesquisa que, embora tenha ficado quase um ano interrompida, foi “resgatada” pelo antropólogo Levi Marques e por mim com a formação de um grupo interdisciplinar, com a adesão importante do professor Eduardo R. Ribeiro, já citado, indicado pelo Prof. Dr. Angel Corbera (UNICAMP). Mas isto já é uma outra etapa e uma outra história.

Referências bibliográficas

CADERNOS DO CEAS (1989). *Ofaié Xavantes, ainda estamos vivos!* No. 121, maio/junho.

CENTRO DE ESTUDOS INDÍGENAS. *Hoje e antigamente (Coi aprende e descreve sobre sua gente)*. Araguara-SP: UNESP, s/d.

_____. *Caderno de leitura 1*. Araguara-SP: UNESP, 1990-1.

CIMI-MS – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (1991). *Ofayé, o povo do mel*. Campo Grande-MS.

CRAIG, C. G. Los lingüistas frente las lenguas indígenas. In: *As línguas amazônicas hoje*. Vol. 1, 2000. pp. 37-55.

DARGEL, A. P. T. P. e SILVA, L. H. T. da (2001). *Uma descrição fonológica do sistema vocálico da língua Ofayé*. UFMS – Câmpus de Três Lagoa-MS. mimeo

DUTRA, C. A. dos S. (1996). *Ofayé, vida e morte de um povo*. Campo Grande-MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

_____. (1974) Fragmentos de Ofaié. A descrição de uma língua extinta. In: *Série lingüística*. SIL, no. 3, pp. 177-249.

LOUKOTKA, B. I. (1931). Lês indiens Kukura du Rio Verde, Mato Grosso. Brésil. IN: *Jornal de la Société dès Àmericanistes*. Nouvelle Série – Tome XXIII, pp. 121-25.



MALINOWSKI, B. 1 – Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). *Desvendando as máscaras sociais*. 2a ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, s/d. pp. 39-61.

NIMUENDAJÉ, C. (1932) Mélanges et Nouvelles Americanistes. In *Jornal de la Société des Americanistes*. Nouvelle Série – Tome XXIII, pp. 187-89, 566-73.

SCHNEIDER, M. (2001). *O povo Ofayé*. UFMS - Câmpus de Três Lagoas-MS. Mimeo

TENO, N. A. C. e RODRIGUES, V. dos R. (2001). *Realizações fonológicas das entrevistas realizadas na aldeia Ofayé*. UFMS – Câmpus de Três Lagoas-MS. mimeo